



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
PROEAD – PARFOR/UEPB/CAMPUS IV
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**LITERATURA DE CORDEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma possibilidade de
leitura**

MARIA SALVINA DE SOUSA

CATOLÉ DO ROCHA - PB

Junho/2019

MARIA SALVINA DE SOUSA

**LITERATURA DE CORDEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma possibilidade de
leitura**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para obtenção do
grau de licenciado/a em Pedagogia pelo
Programa de Formação de professores da
Educação Básica –
PARFOR/UEPB/CAMPUS IV.

Orientadora: **Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima
Silva.**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
Junho/2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725l Sousa, Maria Salvina de.
Literatura de cordel na educação infantil: uma possibilidade de leitura [manuscrito] / Maria Salvina de Sousa. - 2019.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Catolé do Rocha , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Vaneide Lima Silva , Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."
1. Sebastião Chicute. 2. Literatura de cordel. 3. Sala de aula. I. Título

21. ed. CDD 398.5

**LITERATURA DE CORDEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma possibilidade de
leitura**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para obtenção do
grau de licenciado/a em Pedagogia pelo
Programa de Formação de professores da
Educação Básica –
PARFOR/UEPB/CAMPUS IV.

Orientadora: **Profª. Drª. Vaneide Lima
Silva.**

APROVADA EM: 08 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Vaneide Lima Silva

Profª. Drª. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Ma. Maria Fernandes Praxedes

Examinador - UEPB/CAMPUS IV

José Marcos Rosendo de Souza

Prof. Ms. José Marcos Rosendo de Souza

Examinador Externo – UECE

CATOLÉ DO ROCHA – PB

Junho/2019

Dedico este trabalho aos meus familiares, principalmente meu esposo, que soube compreender e aceitar minhas ausências em prol da minha capacitação.

AGRADECIMENTOS

Agradecer profundamente a Deus, o autor e consumidor da fé, que sempre esteve comigo em todos os momentos de prazer e desafios;

Aos meus familiares, que estiveram comigo durante a realização do Curso de Pedagogia, tão desejado e sonhado;

Gostaria de deixar registrado o meu profundo agradecimento a todos os meus professores, que tanto me incentivaram durante os quatro anos de graduação com muito carinho e responsabilidade;

Aos meus colegas de Curso, pela parceria, troca de experiência e carinho, demonstrado ao longo do curso;

À minha orientadora, professora Vaneide Lima Silva, por todo apoio e paciência ao longo da elaboração deste trabalho.

Enfim, à coordenação do PARFOR, programa de formação coordenado no Campus IV pela professora Benedita Ferreira Arnaud – muito obrigada.

“O sabiá do sertão
Faz coisas que me comove:
Passa três anos cantando
E sem cantar para novembro
Como que se preparando
Pra só cantar quando chove.”

(Biu Gomes)

LITERATURA DE CORDEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA SALVINA DE SOUSA

RESUMO

De um modo em geral a poesia é pouco explorada em sala de aula, fato que se confirma se compararmos a quantidade de textos narrativos nos livros didáticos em detrimento do número de poemas. Sendo assim, podemos dizer que é bastante limitado o espaço da poesia no contexto escolar. Mais limitado ainda parecer ser o da Literatura de Cordel, que praticamente não comparece nos livros didáticos em geral. Na última década tem surgido uma crítica preocupada com a ausência desse tipo de produção no contexto escolar, por reconhecer o valor e a riqueza que a poesia popular detém. Partindo dessa constatação, decidimos elaborar este trabalho que objetiva analisar o *Cordel dos passarinhos*, de Sebastião Alves Lourenço, mais conhecido como Sebastião Chicute. A pesquisa contou com a fundamentação teórica de autores como Zappone (2005), Gonçalves (2009), Fronckowiak (2005) e Abramovich (2008). Além da análise do cordel, buscamos ainda sugerir uma proposta de leitura voltada para alunos da Educação Infantil, esperando, assim, que este trabalho venha contribuir com a formação de outros professores, despertando o gosto e o interesse deles para a Literatura de Cordel, atentando ainda para sua eficácia em sala de aula, contribuindo, desse modo, para um aprendizado mais significativo.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Sebastião Chicute. Sala de Aula.

ABSTRACT

In a general way poetry is little explored in the classroom, a fact that is confirmed if we compare the amount of narrative texts in textbooks to the detriment of the number of poems. Thus, we can say that the space of poetry in the school context is quite limited. More limited still seems to be that of Cordel's Literature, which hardly shows up in general textbooks. In the last decade there has been a criticism concerned with the absence of this type of production in the school context, for recognizing the value and wealth that popular poetry holds. Based on this finding, we decided to elaborate this work that aims to analyze the Birds' Cord, by Sebastião Alves Lourenço, better known as Sebastião Chicute. The research had the theoretical basis of authors such as Zappone (2005), Gonçalves (2009), Fronckowiak (2005) and Abramovich (2008). In addition to the analysis of the cord, we also sought to suggest a reading proposal aimed at students of Early Childhood Education, hoping, therefore, that this work will contribute to the formation of other teachers, arousing their taste and interest in Cordel Literature, yet for its effectiveness in the classroom, thus contributing to a more meaningful learning.

Key-words: Cordel literature. Sebastião Chicute. Classroom.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 LITERATURA INFANTIL E POESIA POPULAR..... | 12 |
| 1.1 Considerações sobre a Literatura de Cordel..... | 14 |
| 2 LEITURA DO FOLHETO <i>CORDEL DOS PASSARINHOS</i> | 16 |
| 3 O TRABALHO COM O CORDEL EM SALA DE AULA..... | 18 |
| CONCLUSÃO | 22 |
| REFERÊNCIAS | 23 |

INTRODUÇÃO

São inúmeros os estudos que apontam o lugar secundário que a poesia ocupa no contexto escolar. Basta verificar a presença da Literatura nos livros didáticos de Língua Portuguesa: o número de textos narrativos é bem superior em relação ao número de poemas. Fora isso, quando se avalia o tipo de atividade proposto para o poema, verificamos que o tratamento é praticamente o mesmo aplicado ao gênero narrativo: quase sempre se aplicam questionários que visam detectar a compreensão dos alunos em relação aos textos. Dificilmente se fazem presentes atividades que explorem o lúdico inerente à poesia, o que pode contribuir para o distanciamento entre a poesia e o aluno.

Outra ausência que pode ser constatada nos livros didáticos diz respeito à Literatura de Cordel, manifestação artística que valoriza os registros da cultura popular, expressão que tem bastantes significados e é muito heterogênea, indo além do sentido que esse evento recobre. De um modo em geral, se não comparece no livro didático, dificilmente se aborda em sala de aula.

Especificamente neste trabalho, interessa-nos explorar a Literatura de Cordel, expressão que embora exista em todo o território nacional, se desenvolveu no Nordeste de forma excepcional. Tomaremos como ponto de partida a publicação do *Cordel dos passarinhos*, de Sebastião Alves Lourenço, mais conhecido como Sebastião Chicute, procurando analisá-lo e indicando um caminho de leitura com alunos da Educação Infantil, esperando, assim, que este trabalho venha contribuir com a formação de outros professores, despertando o gosto e o interesse para a Literatura de Cordel.

A ideia, portanto, é tomar o cordel como mais um suporte de leitura para crianças da Educação Infantil, uma vez que o cordel selecionado para estudo aborda uma temática bastante atrativa para esse público: o tema dos bichos. Partimos da crença de que o cordel pode ser para a criança uma possibilidade de valorização do imaginário que caracteriza essa fase da vida, além de contribuir para a interação texto literário e leitor, o qual terá a chance de ampliar seus horizontes de leitura e experiência de mundo a partir da leitura.

Do ponto de vista metodológico, podemos dizer que se trata de um estudo de base bibliográfica, que teve a contribuição teórica principalmente de autores como

Zappone (2005), Gonçalves (2009), Fronckowiak (2005) e Abramovich (2008). O trabalho se organiza da seguinte maneira: inicialmente, buscaremos definir e caracterizar a Literatura de Cordel, a partir de autores que abordam essa manifestação literária, apontando, inclusive sua eficácia para a sua abordagem em sala de aula; num segundo momento analisamos o *Cordel dos Passarinhos*, explorando sua temática, forma e linguagem, para, em seguida, sugerirmos uma proposta de abordagem para sala de aula com base nas suas especificidades.

Esperamos que este trabalho contribua com a discussão recente que se inicia sobre a necessidade de se explorar a Literatura de Cordel em sala de aula, notadamente no que se refere à poesia popular. Entendemos que é preciso levar às crianças e aos leitores em geral a grandeza dessa poesia, que se destaca por fazer uso de recursos estéticos reveladores de situações que tem como efeito o riso, aspecto que já garante a sua presença em sala de aula.

1 LITERATURA INFANTIL E POESIA POPULAR

O texto poético possui peculiaridades e como manifestação literária, possibilita aos leitores criarem e recriarem mundos e, dessa forma, ampliarem suas experiências de mundo. A descoberta de novos significados das palavras provoca a criatividade, a emoção, muitas vezes acionada pela musicalidade inerente à poesia.

No contexto da literatura infantil, o gênero poético se apresenta como um dos primeiros estilos literários com o qual a criança tem contato, já que a música das cantigas de roda, parlendas, trava-línguas e canções de ninar costuma povoar o universo da infância, sendo a música o primeiro contato da criança com o poético.

Embora tenha assumido uma função pedagógica e utilitária durante o seu surgimento, sendo valorizada com a intenção de transmitir valores e comportamento ao público infantil, a poesia voltada à criança se liberta desse pedagogismo, assumindo um aspecto mais artístico, a partir dos anos 60 do século XX, sendo definida por Gonçalves (2009, p. 3) como “um dos meios mais expressivos de comunicação e de inovação da linguagem”.

Em se tratando de poesia infantil, Zappone (2005) alerta que não há necessidade de uso de infantilismos, de diminutivos, construções sintáticas repetitivas, assim como poemas longos ou figuras de linguagem complexa. A autora afirma que é preciso dar atenção também ao tipo de letra, ao papel, ao projeto gráfico e até ao formato, pois tudo isso contribui para o sentido dado ao texto.

O texto poético estimula a fantasia e Gonçalves (2009) acredita que o bom trabalho com a poesia dá-se através da transmissão de sentimentos, que pode surgir da junção dos elementos estruturais aos elementos poéticos (sensibilidade, criatividade, fantasia e emoção). Para a autora, a poesia no contexto infantil ajuda na construção da personalidade da criança:

A função da poesia e, naturalmente, da arte literária em geral, não é promover o domínio linguístico, mas, por meio da linguagem, possibilitar ao receptor um distanciamento crítico da realidade que ela lhe expõe à consciência. Por isso, a poesia tem uma importante função no desenvolvimento da personalidade infantil, uma vez que ela permite a comunicação da criança com a realidade, possibilita a investigação do real, ampliando o entendimento e a experiência de mundo através da palavra. Mas, para isso, a sua linguagem, os seus temas precisam estar em harmonia com a vivência infantil para que possa cumprir sua função simbólica e só conseguirá cumpri-la se

tiver valor literário, se criar novas linguagens, se respeitar o mundo infantil que tem uma coerência peculiar. (GONÇALVES, 2009, p. 5)

Podemos, inferir, então, que a poesia para criança deve trazer traços infantis, além de, principalmente, respeitar a sintaxe e a linguagem usada pela criança. Aqui não estamos defendendo uma estrutura e linguagem errada, mas de construção simples e acessível.

Quanto ao uso da poesia infantil em sala de aula, vemos certa rejeição por partes dos professores. Para Gonçalves (2009), isso pode ser em decorrência das especificidades do texto poético, como a rima, o ritmo e o trabalho com os recursos estilísticos, como também do seu sentido polissêmico. A referida autora acredita que a formação do professor não é suficiente em relação ao texto poético. Ela condena as escolhas inadequadas de textos, sua fragmentação em livros didáticos, usados, às vezes, pelo professor em sala de aula. Nesse sentido, a autora considera que a culpa também é da escola:

[...] Embora, muitas vezes, a própria escola promova a ruptura criança/ poesia pelo modo como tem promovido o estudo, a leitura e a prática de trabalho com o texto poético; ele precisa fazer parte dos conteúdos escolares, e o professor precisa conhecer a produção atual e as especificidades desses textos voltados para o público mirim e o que deve ser valorizado nessas produções. (GONÇALVES, 2009, p. 2)

Assim, a poesia precisa ser retomada como estudo no âmbito escolar. Através desse gênero, a linguagem da criança é desenvolvida, pois além de perceber as rimas e os ritmos, ela aperfeiçoa o estudo da semântica. Mas não apenas isso, a poesia possibilita a ampliação do horizonte de expectativa da leitura, favorecendo seu amadurecimento e, portanto, sua experiência de mundo.

Sobre esse aspecto, Fronckowiak (2005) destaca a importância de se trabalhar com a poesia nas séries iniciais. Ela crê que a leitura de poesia, que é um texto para ser oralizado para as crianças em sala de aula, ajuda na aprendizagem da leitura e da escrita. A exploração das redes fônicas do poema pelo professor leva as crianças a estabelecerem uma relação entre a palavra e sua cadência melódica.

A partir dessa perspectiva, brincadeira com as palavras, então, ganha forma. Desse modo, o trabalho com a poesia passa a instigar a criatividade, o sentir, poder se colocar no texto, criar aventuras e aventurar-se. Com essa questão, surgem indagações quanto a que poesia levar para a sala de aula. Enfatizando a

importância de trabalharmos com esse gênero, Abramovich (2008) sugere que a poesia boa é aquela que trabalha com a surpresa:

A poesia para criança, assim como a prosa, tem que ser antes de tudo muito boa! De primeiríssima qualidade!!! Bela, movente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita... Mexendo com a emoção, com as sensações, com os poros, mostrando algo de especial ou que passaria despercebido, invertendo a forma usual de a gente se aproximar de alguém ou de alguma coisa... Prazerosa, divertida, inusitada, se for a intenção do autor... Prazerosa, triste, sofrente, se for a intenção do autor... Prazerosa, gostosa, lúdica, brincante, se for a intenção do autor. (ABRAMOVICH, 2008, p.67)

Conforme sugere a autora, a poesia adequada é aquela que instiga a criança a pensar. Ver a intenção do autor e posicionar-se diante dela consiste em fazer descobertas, criar posicionamentos. Podemos dizer que se torna urgente levar a poesia para sala de aula. Ler e perceber como o que foi lido ficou entendido, deixar que as crianças se deleitem: seja a tristeza ou a alegria, com a palavra amarga ou doce, é dar vida ao texto poético.

1.1 Considerações sobre a Literatura de Cordel

O cordel apresenta-se ligado ao cotidiano da sociedade, manifestando sua cultura, ou seja, o que o homem produz. Discute diferentes assuntos: política, religião, histórias fantásticas, biografias de personalidades, dentre outros. Para Diégues (1977), a literatura de cordel tem sua origem em Portugal, com a denominação de folhas volantes. O autor afirma que esse tipo de literatura possui duas tendências: prender-se a fatos tradicionais ou do cotidiano.

A literatura de cordel, segundo o autor, é poesia do povo e apresenta algumas características dessa literatura: tem o nordeste como ambiente ideal; pode ser declamada em voz alta pelo vendedor; em sua capa poderá existir ilustrações denominadas de xilogravuras; aparece, também, na forma de cantoria, os desafios. Em alguns escritos, encontramos também como característica os acrósticos, um tipo de identificação do autor dos textos nos versos finais.

Dessa forma, estudar a literatura de cordel consiste em conhecer a realidade, diante do fato de que é uma literatura que divulga conhecimentos e cria uma situação de crítica a respeito do contexto atual ou de um período qualquer.

No que se refere ao trabalho com a literatura de cordel em sala de aula, verificamos que, em regra, há um privilégio em enfatizar apenas os aspectos pedagógicos, os ensinamentos morais, e os gramaticais, sendo esquecido o aspecto estilístico da poesia e as discussões dos problemas sociais. Sobre isso, Alves afirma que:

Dessa forma, o texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de apenas não tomar esse trabalho na escola como um mero pretexto para uma abordagem puramente gramatical ou mesmo literária, mas sim discuti-lo em toda a sua riqueza, que envolve não só as questões acima, mas também contextuais, o que serve de ponto de partida para a discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país. (ALVES, 2008, p.106)

O que Alves defende é que a literatura de cordel proporciona uma ampliação do entendimento das diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais. Nesse sentido, há a possibilidade, segundo a autora, de fazermos uma relação entre o que está escrito e a realidade vivenciada, por isso o referido autor destaca:

Abordar a presença da literatura de cordel em sala de aula implica refletir, entre outras coisas, sobre as concepções de leitura, literatura e ensino postos em prática no cotidiano das escolas. Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo. Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais. (ALVES, 2008, p.108)

Com base no exposto, percebemos a relação da literatura de cordel com o contexto cultural. Compreendemos que é possível estudar textos que apresentem informações e linguagens inseridos em textos comunicativos de uso. Indo mais além, explorando a Literatura de Cordel em sala de aula temos a oportunidade de despertar nas crianças o gosto pela leitura, sendo com essa finalidade que devemos abordar os folhetos de cordéis.

2 LEITURA DO FOLHETO *CORDEL DOS PASSARINHOS*

Denominada como uma manifestação cultural que surge na forma oralizada, a Literatura de Cordel transmite as cantigas, os poemas e as histórias de um povo, podendo ser chamada ainda de folheto ou livretos, os quais podem levar o aluno ao domínio de conteúdos e abordar as variantes regionais, além de favorecer a construção do gosto pela leitura.

Segundo Pinheiro e Lúcio (2001), as características dos folhetos se definem no período que vai do final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX, “período em que se estabelecem as regras de composição e comercialização das obras e se constitui um público” (PINHEIRO, LÚCIO, 2001, p. 15). Os folhetos, que no início eram produzidos em tipografias de jornal, passaram com o tempo a ser impressos em tipografias dos próprios poetas. Para Pinheiro e Lúcio, sobre a estrutura:

Na década de 20, graças a atuação de João Martins de Athayde, as características gráficas dos folhetos foram estabelecidas: 8 a 16 páginas, para as pelejas e folhetos de circunstâncias; 24 a 56 páginas para os romances. Para a publicação de uma peleja de 16 páginas, por exemplo, eram necessárias duas folhas de papel tamanho ofício (PINHEIRO e LÚCIO, 2001, p. 17)

Embora os folhetos não se destinem a nenhum público específico, os autores vêm fazendo uma aproximação entre esse tipo de Literatura popular com a Literatura Infantil brasileira, posicionamento tomado por influência de Pinheiro e Lúcio (2001, p. 32) que defendem a seguinte tese:

Há em muitos cordéis, traços como o predomínio da fantasia, inventividade ante situações inesperadas/complexas, musicalidade expressiva, caráter fabular, marcas comuns à literatura para crianças. O humor é presença marcante tanto na poesia para crianças quanto no cordel. Também um filão do cordel que o aproxima à literatura para crianças é recriação de contos de fadas tradicionais.

Os autores creem também que a presença de animais é marca determinante. “Neste âmbito, o cordel tem muito material a oferecer, porém, totalmente desconhecido de pais, professores e educadores em geral”. (PINHEIRO e LÚCIO, 2001, p. 32).

Percorrendo essa temática (dos bichos), nos deparamos, por exemplo, com o *Cordel dos passarinhos*, do cearense Sebastião Chicute, o qual, conforme indica o título, aborda os mais diversos tipos de pássaros da fauna brasileira, mais especificamente nordestina.

Impresso na Gráfica Martins, de Capristano, em 2006, o cordel é ilustrado pela xilogravura de Antônio Lucena e revela um eu lírico admirado com o coral dos passarinhos:

Revedo os campos e a flora
 Nos mais estreitos caminhos
 Sobressaltado de ver
 Os pés machucando espinhos
 Parei pra ouvi de perto
 O coral dos passarinhos.

E segue a descrição do encanto e admiração do eu lírico pelo canção, João de barro, corupião, sericora, canário, bem-ti-vi, fura barreira, gavião, graúna, pica pau, sabiá, e tantos outros bichos de pena que povoam a região Nordeste e outras regiões, “grandes” e “pequenos”, os quais muito lhe ensina:

Falei em diversos pássaros
 Não deu pra falar em tudo
 Não quis falar só nos grandes
 Coloquei grande e miúdo
 Fiquem sabendo senhores
 São eles meus professores
 Com eles fiz esse estudo.

Mesmo que o cordel assuma um tom fabular, pois ao seu final identificamos um chamamento para a necessidade de não maltratar os passarinhos, o que nos remete para a típica lição de moral presente nas fábulas tradicionais, esta reflexão não anula o caráter inventivo com que o poeta popular cria suas sextilhas.

Não maltrate os passarinhos
 Tenham deles compaixão
 São eles donos da selva
 Tenha ele como irmão
 São criaturas de Deus
 Com direito ao mesmo chão.

Observe que as estrofes são marcadas por rimas que dão sonoridade aos versos, os quais compõem estrofes de sete sílabas, contribuindo para o esquema

rítmico do poema, que é quase sempre o mesmo: versos de sete sílabas com a primeira acentuação variando entre a segunda e a quinta tónica, e a última sempre na sétima sílaba. As rimas, nas sextilhas, costumam predominar entre os versos 2, 4 e 6.

Quase sempre, o eu lírico comparece numa postura de contemplação perante a beleza dos animais, ou seja, parece haver entre os versos um desejo de viver fora dos ditames do mundo de consumo e das aparências, mas a atitude mais recorrente consiste em atribuir profissões aos bichos, descrever seus costumes, rixas, sua malandragem. Uma das características bastante comum é a diversidade de animais retratados. No caso do cordel em análise, temos uma grande variedade de pássaros, o qual chama a atenção ainda pela presença do sabiá, que é um dos bichos mais retratados em nossa poesia popular:

O sabiá se entristece
Quando demora chover
Por faltar seu alimento
Esconde-se pra ninguém ver
Só procurando melão
Pra ele sobreviver

Observe que o poeta demonstra conhecer bem a matéria de que fala: os pássaros, além de dialogar com poemas importantes de nossa tradição cultural (o sabiá de Gonçalves Dias, em sua “Canção do exílio”), sendo cantado em várias outras obras e autores da Literatura brasileira.

Os recursos linguísticos recorrentes nas sextilhas são comuns à poesia em geral. Dentre os mais recorrentes podemos citar a personificação e as onomatopeias, além das comparações, os quais contribuem para a construção imagética nos poemas, embora as rimas sejam o traço genuinamente presente.

3 O TRABALHO COM O CORDEL EM SALA DE AULA

Insistir em uma educação sem significado, em que os conteúdos são jogados sem nenhum respaldo contextual, diante de tanta informação e tecnologia, consiste em permanecer com as práticas tradicionais em sala de aula. O cordel para crianças garante o contato com a Literatura desde cedo, instigando o gosto por ritmo e rimas, além de servir como suporte para o aprendizado de novos conhecimentos.

Ao defenderem o trabalho com a Literatura popular em sala de aula, Pinheiro e Lúcio (2001) acreditam que é preciso demonstrar uma postura de humildade perante os textos, um posicionamento receptivo diante da cultura popular para poder apreender-lhes os sentidos e não interpretá-la de modo redutor. Segundo os autores: “não se trata de, por outro lado, hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas compreendê-las em seu contexto, a partir de critérios estéticos específicos, para poder perceber sua dimensão universal” (PINHEIRO e LÚCIO, 2001, p. 80).

Portanto, ainda segundo os autores, qualquer sugestão metodológica no campo do trabalho com a Literatura de cordel, “pressupões este envolvimento afetivo com a cultura popular” (PINHEIRO e LÚCIO, 2001, p. 81). Sendo assim, os críticos saem em defesa de um procedimento metodológico que favoreça o diálogo com a cultura da qual o cordel “emana”, e, ao mesmo tempo, uma experiência dialogal entre professores, alunos e demais participantes do processo.

As atividades e procedimentos apresentados por Pinheiro e Lúcio devem ser conhecidos por todos os professores da Educação Básica, pois servem como pontos de partida para fazer com que a Literatura de cordel possa ser vivenciada pelos leitores e “não apenas observada como algo exótico para alguns”. Elas são, justificam os autores, “pontos de partida, e servem, sobretudo, para o professor ou professora que ainda não tem uma experiência acumulada de atividades neste âmbito” (PINHEIRO e LÚCIO, 2001, p. 81).

Dentre as várias atividades propostas pelos autores, interessa-nos uma de suas primeiras sugestões: a atividade de leitura do cordel, mais especificamente a leitura oral. “E ler em si, mesmo sem fazer nada a partir disto, já é grande coisa” (p. 82). Tal proposta se justifica, pois sabemos que, de um modo em geral, se lê pouco em sala de aula e esse tipo de atividade costuma vir acompanhada de atividades de muitas cobranças: o aluno é solicitado a ler para mostrar se compreendeu o texto; lê para resumir ou apreender conteúdos em vista de uma avaliação.

Enfim, ler por prazer, como uma atividade lúdica, é pouco comum em sala de aula, mesmo na Educação Infantil. “É inegável que o prazer de ler deve ser cultivado, mas ele não pode também ser bestializado. Isso é, em nome do prazer de ler há uma tendência forte de cultivar a facilitação, de eliminar o esforço pessoal, o trabalho de compreensão”. A facilitação pode tornar descartável a atividade de

leitura. Por isso o planejamento para o trabalho com a leitura deve ser uma constante, sendo necessário que o professor prepare bem a leitura do folheto.

Sobre a leitura oral dos folhetos de cordel, Pinheiro e Lúcio orientam que esta constitui tarefa indispensável. “Portanto, a primeira e fundamental deve ser a de ler em voz alta. E, se possível, realizar mais de uma leitura. Esta repetição ajudará a perceber o ritmo, encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entonações de modo adequado” (PINHEIRO e LÚCIO, p. 84).

Se o professor planeja a leitura de determinado cordel para explorar durante uma semana, como é comum nos planejamentos da Educação Infantil, poderá, por exemplo, pensar em atividades que possam ser desenvolvidas após o momento da leitura oral. Esta pode se dar, num primeiro momento e em seguida apreciar o folheto a partir de questões que o professor pode lançar aos alunos. No caso do folheto em estudo, poderiam ser lançadas perguntas do tipo: o que acharam do folheto, gostaram? Alguém conhece algum dos passarinhos mencionados no cordel? Escolha uma estrofe que mais tenha gostado.

Num segundo momento, a ideia é fazer com as crianças interajam com o texto, relacionando-o com sua experiência. Deste modo, o professor estará favorecendo a identificação entre o texto e o leitor em formação. Como sugestão de continuidade para o trabalho de abordagem do cordel, o professor pode sugerir que a turma ilustre o cordel, pedindo que os alunos desenhem e pintem os pássaros citados pelo poeta no cordel e seguir com um trabalho interdisciplinar, explorando, posteriormente, a mistura de cores. Para dar prosseguimento ao trabalho, pode-se sugerir um trabalho sobre a geografia onde habitam os pássaros mencionados no folheto ou pesquisa sobre a identificação dos pássaros que povoam a cidade onde os alunos residem. Enfim, as possibilidades de ampliação da leitura inicial do cordel são inúmeras, ficando a cargo dos professores em geral levantarem outras estratégias de atividades.

Quanto à atividade de ilustração, vale destacar que esta ainda é pouco indicada nos livros didáticos, mesmo naqueles voltados para a Educação Infantil e esse tipo de atividade é bastante importante quando se tratam de leitores em formação, pois valoriza o lúdico inerente à Literatura e favorece a criatividade dos alunos, aguçando a imaginação. Neste sentido, o professor não pode esquecer que o texto literário precisa ser abordado por si mesmo, sem servir de pretexto para outras questões que não o próprio texto. Também não podemos negligenciar o fato

de que o trabalho com a Literatura, sobretudo nos anos iniciais, deve estar à serviço da formação da sensibilidade do leitor, por isso, as abordagens em geral devem favorecer o lúdico inerente ao texto literário.

Sabemos, por exemplo, que os livros didáticos costumam explorar os textos literários em geral para abordagem de elementos gramaticais, sendo muito pouca a preocupação com atividades de caráter lúdico. Cremos que esse tipo de abordagem distancia do aluno o texto literário, ao invés de aproximá-lo, pois acaba colocando o texto em segundo plano, tomando-o como pretexto.

A respeito da atividade de ilustração, aliás, os professores Pinheiro e Lúcio são bastante favoráveis, sobretudo nos dois primeiros ciclos do Ensino Fundamental. Segundo os autores, também se pode trabalhar com colagens, com toda uma turma montando um amplo painel e utilizando diferentes materiais. “Realizar atividades com sucata pode ser bastante rico”. Seguindo essa sugestão, imaginemos um painel a partir do *Cordel dos passarinhos*: pensemos na diversidade de cores, traços e engenhosidade, além, é claro, do envolvimento das crianças na montagem do painel. Esse possível envolvimento e empenho na montagem do painel pode ser um dos resultados alcançados com a realização desse tipo de atividade, além, é claro, de possibilitar o interesse pela leitura de outros cordéis.

CONCLUSÃO

A leitura crítica do *Cordel dos passarinhos*, de Sebastião Chicute, nos permitiu pensar um pouco o lugar que a Literatura de cordel ocupa no contexto da sala de aula, mas, sobretudo, perceber o valor que a poesia popular tem em si, devendo ser lida, apreciada e pesquisada. Isso porque há na poesia popular uma riqueza de imagens, de ritmos e percepções peculiares de mundo que os professores não podem passar despercebidos, devendo se debruçar sobre as produções e conhecer o vasto universo da Literatura de cordel.

Outra questão que a realização deste trabalho levanta diz respeito ao modo como essa Literatura deve ser encarada e abordada no contexto da escola, devendo ser vista a partir de sua força de expressão e, portanto, como manifestação literária. Desse modo, sua abordagem precisa valorizar suas peculiaridades: seus ritmos e sonoridades, seu caráter fantasioso e humorístico, enfim, suas diferentes percepções de mundo, favorecendo, assim, desde a realização de sua leitura oral, o debate, o jogo dramático, a ilustração, sua relação com a canção, dentre tantas outras possibilidades que nós professores poderemos planejar se passarmos a ler com mais cuidado a Literatura de cordel que povoa o nosso cotidiano.

Partindo desta convicção, ou seja, de que podemos e devemos explorar a Literatura de cordel em sala de aula, acreditamos que este trabalho possa contribuir com a prática docente dos professores em geral, que precisam se aproximar e conhecer mais de perto a Literatura Popular, que nasce da experiência do povo, sobretudo da vivência no campo, retratando uma experiência individual que muitas vezes ostenta uma dimensão de humanidade tão rica que pode assumir a dimensão do universal, fazendo valer a pena o seu contato, a sua leitura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2008.

ALVES, R. M. “Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula”. **Revista Fórum Identidades**. 2008, ano 2, vol. 4, p. 103-109. Disponível em: <http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_4/SESSAO_L_FORUM_Pg_103_109.pdf>.

COELHO, Nely. Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DIÉGUES JR, M. **Literatura de cordel**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1977.

FRONCKOWIAK, Â. C. Como andar sem poesia? A leitura de poemas na educação infantil. **II Colóquio Leitura e Cognição**. 2005, Anais. Disponível em: <www.unisc.br/cursos/pos-graduação/mestrado/letras/anais-2coloquio/como_andar_sem_poesia.pdf>.

GONÇALVES, M. de L. B. Poesia infantil: uma linguagem lúdica. **Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil**. Anais. Porto Alegre: PUC, 2009. Disponível em: <www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/POESIA-INFANTIL-OK.pdf>.

PINHEIRO, Hélder. e LÚCIO. Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001. (Coleção Literatura e Ensino).

SILVA, M. “Poesia infantil contemporânea: dimensão linguística e imaginário infantil”. **Imaginário. Universidade de São Paulo**. São Paulo, vol. 12, n. 13, 2006.

ZAPPONE, M. H. Y. A leitura de poesia na escola. In: MENEGASSI, R. J. (Org.). **Leitura e ensino**. Maringá: EDUEM, 2005.